

ISSN 0104-7183

2 ANO 1
NÚMERO 2
1995
REVISTA
TEMÁTICA
SEMESTRAL

Horizontes Antropológicos

Antropologia Visual

NÚMERO ORGANIZADO
POR CORNELIA ECKERT
E NUNO GODOLPHIM

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

1995

Porto Alegre, RS - Brasil

ETHNOLOGIE FRANÇAISE - "Usages de l'images".
1994-2. Avril-Juin. Tome 24. Paris : Armand Colin.

Por Maria Eunice de Souza Maciel
Professora de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

A revista *Ethnologie Française*, da Société d'Ethnologie française publicada pelo Centre d'Ethnologie Française e o Musée National des Arts et Traditions Populaires com a colaboração do Centre National de la Recherche Scientifique e a Direction des Musées de France, consagra seu número de abril-junho de 1994 ao uso da imagem.

Essa temática remete à questão da imagem enquanto instrumento (de influência, de indução, de afirmação ou mesmo de recordação) dentro de uma práxis social, ou seja, refere-se aos seus diferentes usos sociais.

Os artigos que constituem a obra versam sobre os mais diversos tipos de imagens, sejam elas religiosas, políticas, cívicas, etc. O fio condutor é o *usage* que é feito, o que implica em verificar nos diversos contextos quem as produz, quem as usa e de que forma.

Guy Barbichon, em seu artigo introdutório, *Usages de l'image: faire, dire*, assim coloca: "L'image est acte instrument d'action - objet de l'action. Les contributions des auteurs éclairent cette donnée à la fois sous l'aspect de l'action, considérée unilatéralement, et sous l'aspect de l'interaction - actions réciproques des acteurs autour de l'image (qui s'ajoutent aux influences réciproques des contenus sémiotiques des images)".

Como se trata de uma revista, optou-se por informar a temática particular trabalhada por cada um dos autores, apresentando-as resumidamente.

Dentro da variada gama de artigos reunidos, Jean Molino preocupa-se em *como* estudar a imagem e apresenta hipóteses para a análise em *Une infinie diversité de tracés, de formes, de conduites*. Jean-Claude Chamboredon analisa o aspecto cívico a partir de certos exemplos em *L'édification de la nation. Naissance, diffusion, circulation de quelques motifs iconographiques*.

Françoise Lautman analisa os quadros do "Grand Catéchisme en Images" editado e difundido em 1884 a 1941 e a visão de sociedade que nele circula. Geneviève Herberich-Marx em "Les ex-votos alsaciens témoignage de la Seconde guerre mondiale" trata dos quadros votivos que mostram os dramas individuais e coletivos da Segunda Guerra Mundial. Os ex-votos são examinados também por Bernard Cousin em *Trois peintres d'ex-voto provençaux* analisando três casos de pintores do século XIX. Alain Guillemin trata do aspecto polissêmico onde uma imagem religiosa pode conter uma reivindicação de identidade em *Du religieux au politique: saint Gens, sous le regard des peintres*.

Os ataques contra as imagens são vistos por Olivier Christin em *L'iconoclasme huguenot*. Em *Combats d'images*, Maurice Agulhon trata da luta do regime de Vinchy contra a República através do simbolismo visual. A propaganda e os cartazes políticos são o objeto de Nicole Ramognino em *Les affiches politiques et leur économie symbolique*. Henriette Touillier-Feyrabend trata dos cartazistas e da relação entre as produções políticas e comerciais em *Les affichistes et le politique*. Os mecanismos de estetização do político são o tema de Freddy Raphaël em *Une mise en scène du nazisme*. Dominique Lerch examina a representação da guerra em *La représentation de la guerre par l'imagerie populaire (1870-1945)*.

O *Angelus* de Millet é analisado por Héliane Bernard mostrando a pluralidade de interpretações relacionadas com uma mesma obra e esta em particular enquanto capaz de impor o mito camponês trabalhador e piedoso em *L'Angelus de Millet: conditions d'un discours mythique*. Frédéric Maguet examina as estampas de vestimentas regionais e as implicações ideológicas em *De la série éditoriale dans l'imagerie: L'exemple des costumes régionaux*.

Tentando desvendar os aspectos que englobam a questão central, os autores percorrem caminhos diversos em suas abordagens demonstrando diferentes formas de tratamento, perspectivas, itinerários e possibilidades de reflexão que se traduzem em riqueza e que fazem com que este número da revista mereça uma atenção especial.

DEMAIN, le cinéma ethnographique?, número especial de *CinémAction* (Paris), n.64, terceiro trimestre, 1992.

Por Claudia Fonseca
Professora de Antropologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Brasil

Em um dos artigos do número especial da revista *CinémAction*, Marc-Henri Piault critica a natureza desengonçada dos debates usuais sobre Antropologia Visual: "Este debate, grande demais, não termina nunca porque não foi feito nenhum esforço para dar às antigas confrontações um efeito cumulativo". Jean-Paul Colleyn e Catherine De Clippel, organizadores do número especial, *Demain, le cinéma ethnographique?*, propõem remediar essa situação. Anunciam suas intenções de, com esse volume, ir além das querelas já ritualizadas do cinema etnográfico (filme *versus* vídeo, cineasta isolado *versus* televisão, antropólogos *versus* documentalista, documentalistas *versus* repórteres) para, ao invés, trazer à baila obras recentes, traçar o perfil do estado atual da arte, e integrar o tema do filme etnográfico ao campo do documentário em geral.

Essa coletânea não exclui a dimensão histórica: o artigo de Piault apresenta uma análise interessantíssima das repetidas convergências entre a trajetória histórica do cinema e a da Antropologia. No entanto, coerente com o objetivo dos organizadores, o grosso do material neste volume versa sobre experiências contemporâneas, reunindo comentários sobre os filmes etnográficos de Sidney a New York, de Tokyo a Paris.

Mais de 20 autores, a grande maioria antropólogos, mas que incluem cineastas, produtores de televisão e representantes de órgãos culturais, fornecem reflexões apoiadas por bibliografias (e - uma inovação - filmografias) atualizadíssimas. Os clássicos não são negligenciados (entre outras coisas, há uma entrevista com Rouch sobre sua trajetória). Tampouco menospreza-se discussões técnicas e institucionais: aprendemos, por exemplo, com Timothy Asch o be-a-bá do Center for Visual Anthropology de University of South California. Mas concentram-se esforços, principalmente, em refletir sobre os problemas que enfrenta o antropólogo que faz filmes ou vídeos nesta década de 90.

A ampliação do público-alvo dos materiais etnográficos, graças à linguagem imagética, é um tema que percorre todos os textos. Essa ampliação diz respeito, em primeiro lugar, aos "objetos de estudo" que, agora, não somente têm acesso, comentam e criticam o trabalho etnográfico (veja o artigo de Patrick Deshayes sobre *feed-back*), mas podem participar da confecção do texto. Dentro dessa última linha, o cineasta D. MacDougall comenta a caminhada do Australian Institute of Aboriginal Studies desde o "cinema partagé" à Jean Rouch dos anos 70 até o cinema intertextual da época atual: "Hoje, eu prefiro pensar em termos de uma elaboração múltipla antes do que em conjunto.¹ Desse modo, a diferença cultural e geopolítica, que separa o cineasta do sujeito, torna-se mais clara e respeita-se a integridade de cada voz". O "cinema intertextual" proporia dar conta de vozes e interpretações múltiplas, admitiria a montagem de materiais produzidos por cineastas diferentes, a sobreposição de textos - antigos e contemporâneos - para assim colocar em confronto visões opostas de uma mesma realidade e "assegurar a reciprocidade de experiências."

A reflexão sobre a ampliação do público-alvo de textos antropológicos culmina na discussão

¹O "trabalho em conjunto" se refere à parceria travada entre pesquisador e pesquisados, típica do cinema partagé.